

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano VI | Volume 20 | Nº 58 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14086824>

---



## CORPO PRUDENTE PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA DECENTE: A DECOLONIALIDADE DOS ESTEREÓTIPOS CORPORAIS

*Mércia Lima de Melo<sup>1</sup>*

*Ricardo Henrique Vieira de Melo<sup>2</sup>*

*Priscilla Pinto Costa da Silva<sup>3</sup>*

*Maria Isabel Brandão de Souza Mendes<sup>4</sup>*

*Rosie Marie Nascimento de Medeiros<sup>5</sup>*

### Resumo

Este estudo tem como objetivo compreender os estereótipos corporais na Educação Física a partir do referencial epistemológico do pensamento decolonial. Parte-se do pressuposto de que persiste na sociedade a expectativa de padronização do corpo do professor/profissional de Educação Física enquanto modelo a ser cultuado à perfeição, sendo essa modelagem reproduzida aos formandos. Concebe-se uma visão geral sobre corpo e performance, estereótipos corporais e decolonialidade atlética, na literatura, seguido de aportes da sociologia compreensiva e da fenomenologia. Os argumentos foram organizados em três categorias de significados: a reificação do corpo enquanto aparência e performance; os estereótipos corporais na Educação Física; e a decolonização do imaginário corporal atlético. Conclui-se que uma perspectiva decolonial na Educação Física pode desconstruir o imaginário corporal estereotipado, reconhecendo e rompendo com a lógica opressiva da homogeneização corpórea moderna, possibilitando a ampliação da compreensão de corpo com um olhar prudente, expandindo seu campo de percepção ao libertá-lo de adestramentos sociais, contestando e repensando as relações de poderes mantenedoras de submissões corporais diante de normalizações aplicadas ao mercado da beleza e do desempenho funcional.

**Palavras-chave:** Descolonização; Educação Física; Estereotipagem.

### Abstract

This study aims to understand body stereotypes in Physical Education from the epistemological framework of decolonial thought. It is assumed that the expectation of standardization of the body of the Physical Education teacher/professional persists in society as a model to be worshipped to perfection, and this model is reproduced to the graduates. An overview of body and performance, body stereotypes and athletic decoloniality is conceived in the literature, followed by contributions from comprehensive sociology and phenomenology. The arguments were organized into three categories of meanings: the reification of the body as appearance and performance; body stereotypes in Physical Education; and the decolonization of the athletic body imagery. It is concluded that a decolonial perspective in Physical Education can deconstruct the stereotyped body imaginary, recognizing and breaking with the oppressive logic of modern bodily homogenization, enabling the expansion of the understanding of the body with a prudent look, expanding its field of perception by freeing it from social training, contesting and rethinking the power relations that maintain bodily submissions in the face of normalizations applied to the beauty and beauty market and functional performance.

**Keywords:** Decolonization; Physical Education; Stereotyping.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [mercialimamelo@gmail.com](mailto:mercialimamelo@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Saúde da Família pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [ricardohvm@gmail.com](mailto:ricardohvm@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Educação Física. E-mail: [laprisci@gmail.com](mailto:laprisci@gmail.com)

<sup>4</sup> Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Educação. E-mail: [isabelbsm1@gmail.com](mailto:isabelbsm1@gmail.com)

<sup>5</sup> Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Educação. E-mail: [marie.medeiros@gmail.com](mailto:marie.medeiros@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

As representações e reproduções sociais, muito embora sejam comuns e partilhadas em cada grupo ou circuito social, não se revelam de imediato nos discursos. Tal fato é particularmente aplicado aos estereótipos, que definem propriedades, atribuições e papéis individuais ou grupais na sociedade.

As pessoas, inicialmente, definem as situações vivenciadas imaginando e elaborando juízo de valor, ao mesmo tempo em que observam e interpretam segundo seus códigos culturais, internalizando e estereotipando noções internas sobre o mundo externo, definindo opiniões formadas passadas de geração a geração.

Nesta direção, o conteúdo dos estereótipos influencia a percepção social, os julgamentos de valores, as atitudes e os comportamentos, sendo parte da socialização e do desenvolvimento mental humano, pois através deles é possível pensar a realidade a partir de categorias e de lugares comuns, *a priori*, enquanto definem o que pensar e fazer diante de novas situações. Portanto, as construções culturais dos estereótipos são fundamentadas em generalizações, mitos, percepções simplificadas e ideias pré-concebidas, difundidas por terceiros e que, algumas vezes, consolidam preconceitos.

A reificação do corpo enquanto aparência e performance critica a coisificação do corpo enquanto componente ou mercadoria de vitrine, lapidado para alcançar o perfil estético e fisiológico idealizado em função das expectativas vigentes do mercado da beleza e da performance.

A abordagem dos estereótipos corporais na Educação Física, enquanto construção compartilhada e socializada sobre os atributos que adjetivam esse corpo-coisa, objetivado, cartesiano, esclarece as interfaces com a cultura fitness, articulando as perspectivas apontadas com aportes teóricos sobre a decolonização do imaginário corporal atlético, refletindo sobre a imposição de limites, obrigações e caracterizações elitistas e dominadoras acerca do corpo.

Este estudo possui o objetivo de compreender os estereótipos corporais na Educação Física a partir do referencial epistemológico do pensamento decolonial. Parte-se do pressuposto de que persiste na sociedade a expectativa de padronização do corpo do professor/profissional de Educação Física enquanto modelo a ser cultuado à perfeição, sendo essa modelagem reproduzida aos formandos; e que a produção de estereótipos negativos sobre o corpo acontece pela influência de seu legado histórico biomédico e autoritário, homogeneizando a concepção do corpo como um arranjo funcional biomecânico, padronizado e idealizado enquanto perfil atlético de força e de eficiência.

O aprofundamento do debate em torno dos aspectos abordados neste estudo se faz necessário para repensar sobre as concepções fragmentadas, reducionistas e inquietantes que podem silenciar o corpo pluriversal mediante controle e tutela capitalista. Nessa direção, questiona-se: como ocorre o



processo de coisificação do corpo? Quais os principais estereótipos corporais relacionados ao professor/profissional da área e que são reproduzidos aos formandos? Qual a pertinência do referencial epistemológico decolonial para apurar a postura crítico-reflexiva sobre o imaginário corporal midiático?

O texto está organizado nas seguintes seções: introdução; referencial teórico; referencial metodológico; análise e discussão; e considerações finais. A introdução apresenta o itinerário do estudo contemplando uma aproximação inicial sobre os aspectos estruturais do texto. Por sua vez, a próxima seção aborda os referenciais teóricos que fundamentam a construção de estereótipos sociais na perspectiva decolonial, enquanto que a seção seguinte detalha os procedimentos da pesquisa realizada. Em seguida, os resultados e a discussão desenvolvem os argumentos categorizados no estudo. E, finalmente, a última seção aponta as considerações finais a partir dos resultados obtidos com a pesquisa juntamente com as reflexões dos autores.

Uma perspectiva epistêmica decolonial aplicada ao campo da Educação Física contribui para desconstruir o imaginário corporal estereotipado, reconhecendo e rompendo com a lógica opressiva da homogeneização corpórea moderna, possibilitando a ampliação da compreensão de corpo enquanto existência.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A gênese dos estereótipos está no processo de socialização das pessoas, sendo apreendidos e internalizados inicialmente e principalmente durante as interações sociais primárias entre familiares, modulando as ideias sobre o mundo, onde geralmente é mais difícil desconstruir os preconceitos, pois a vinculação que os sustentam é mais firme. Portanto, os estereótipos modulam a percepção da realidade até um certo ponto, fazendo surgir os preconceitos, que são fundamentados pelos juízos preliminares, negativos em maioria, sobre pessoas desconhecidas, contribuindo para ocorrência de ações hostis e intolerantes. Para romper com esse circuito negativo é necessário postura crítica e atitude contestatória, repensando conceitos preconcebidos, laminando os discursos para a luta e o alcance de respeito e de estima recíprocos (LIMA; LEITE, 2021).

Considerando que o caminho para pensar e julgar apressadamente e baseado em juízos anteriores é mais fácil, a compreensão e interpretação sobre a realidade exige maior esforço, pela sua complexidade. Assim, os estereótipos operam em três dimensões integradas: a dimensão *cognitiva*, quando se conhece as situações a partir do que se sabe sobre elas previamente; a dimensão *afetiva*, quando mobiliza os sentimentos relacionados ao estereótipo, sendo eles depreciativos (negativos) ou de



estima (positivos); e a dimensão *atitudinal*, quando se atua ou reage, de forma prática, comportamental (PEREDNIK; REICH, 2023).

Considerando que as pessoas inicialmente imaginam o mundo para depois observá-lo e conhecê-lo, existe, portanto, um componente de projeção nesse enredo, que articula fatores motivacionais cognitivos, afetivos e atitudinais relacionados com a alteridade social dos grupos e às suas ideologias. Essa projeção faz com que ocorra, ao mesmo tempo, uma classificação, selecionando aspectos que simplificam a realidade para acomodar os constructos em categorias homogêneas, unificadas. Essa redução agrupa pessoas segundo padronizações físicas e sociais em conformidade com as características compartilhadas de cada circuito social. Logo, abre-se o risco para que pessoas preconceituosas, que fazem generalizações indevidas, possam produzir comportamentos discriminatórios, tão quanto forem resistentes às mudanças pela força com que suas crenças generalizadas estiverem enraizadas em pensamentos, sentimentos e práticas. (SANTOS; PEREIRA, 2024).

Ademais, esse componente projetivo deveria ser balizado pelo componente real que ocorre a partir da aproximação e da interação com as pessoas que são membros dos grupos estereotipados, pois quanto maior esse contato, maior a vinculação de aspectos reais, concretos e menor distorção da projeção dos atributos apreendidos. Conseqüentemente, para que se tenha pertencimento ao grupo social, as pessoas necessitam de se definir serem definidas pelos outros como membro de determinado grupo, fazendo parte de uma determinada classificação social, obtendo-se uma espécie de consenso social via uma identificação relacional comparativa, ou seja, pela elaboração de concepções a partir de pensamentos e sentimentos expressos em crenças compartilhadas pelo determinado grupo, estereotipadas (ARREBOLA *et al.*, 2019; SANTOS; PEREIRA, 2024).

Sobre a construção de estereótipos enquanto fenômeno a ser desvelado, a compreensão da ação de sujeitos no mundo social tem por referência as relações intersubjetivas inscritas em suas experiências cotidianas. Ocorre na perspectiva de interpretação da realidade social pautada na significação dos atos pelo sujeito que os pratica, aprofundando o significado da ação do homem no mundo social, compreendendo os fenômenos sociais a partir do significado atribuído pelo sujeito à ação, amparando-se nos conceitos de intencionalidade e de intersubjetividade (BESSA *et al.*, 2023).

Nessa perspectiva, de acordo com Hanke (2021), orienta-se a iniciar com uma descrição das estruturas fundamentais constituídas pelo pré-reflexivo, ou seja, a realidade que se mostra evidente e inquestionável para os homens. Essa realidade é o mundo cotidiano, que é permeado por uma estrutura que viabiliza a construção social dos sujeitos e influencia as suas relações. Para a fenomenologia social, o mundo cotidiano é o cenário onde o ser humano vive, o qual já se encontra estruturado previamente, anterior ao seu nascimento. A leitura dessa realidade estabelecida faz o homem agir de modo natural, a



partir do que lhe é apresentado como realidade social. Além disso, tem a capacidade de intervir naturalmente nesse mundo, influenciando e sendo influenciado, transformando-se continuamente e alterando as estruturas sociais.

Considerando uma atitude natural a forma de o sujeito colocar-se no mundo da vida, para viver nesse mundo, o homem orienta-se pelo modo como define o cenário da ação, interpreta suas possibilidades e enfrenta seus desafios. Isso precede o reconhecimento da situação atual do sujeito, constituída por uma história sedimentada em todas as suas experiências subjetivas prévias. A matriz de toda ação social tem um sentido comum, contudo cada pessoa situa-se de maneira específica no mundo da vida (situação biográfica). Cada pessoa, durante toda a sua existência, interpreta o mundo na perspectiva de seus próprios interesses, motivos, desejos, compromissos ideológicos e religiosos (SANTOS; VERISSIMO, 2022).

Nessa direção, a ação é definida como a conduta humana projetada pelo sujeito de maneira intencional, dotada de propósito. A transcendência dessa compreensão requer que o pesquisador se distancie do sujeito para observá-lo e elabore um esquema conceitual a partir da objetivação da matriz subjetiva de sentido, agrupando as informações acerca do mundo do senso comum, a tipificação. A ideia de tipificação é uma das concepções mais importantes e representativas da fenomenologia sociológica. Oportuniza a apreensão de um conhecimento anônimo e objetivo do fenômeno estudado, o qual se desvelará a partir das vivências e experiências subjetivas e intersubjetivas. Trata-se de uma representação invariante da ação ou da pessoa/grupo que a torna homogênea, abstendo-se das características individuais (BESSA *et al*, 2023).

Essa representação tipificada, por se constituir em uma elaboração objetiva, pode ser expressa mediante a linguagem significativa, sendo reconhecida e compreendida por aqueles que vivenciam uma situação semelhante. Assim, a compreensão que parte da motivação existencial tem ao mesmo tempo um significado que é subjetivo - porque foi vivenciado pelos sujeitos - e objetivo - que se refere a uma situação concreta, que se mostra significativa e relevante para aqueles que vivenciam o fenômeno investigado (HANKE, 2021).

Na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, o corpo é cognoscente. Ele pensa e sente. Percebe e permite conhecer antes de ser tratado como um corpo objeto. Antes da reflexão da mente sobre o corpo, há uma reflexão do corpo sobre si mesmo, pois o corpo expressa uma maneira particular de se projetar e de existir da qual ele mesmo é uma estrutura existencial situada no fenômeno do aparecer. Assim, o corpo é o lugar onde se entrelaça múltiplos movimentos que constituem um sistema de comunicação com o mundo, um conjunto de correspondências vividas (SANTOS; SOUSA, 2024).



Em Ponty, segundo Caminha (2019), o corpo participa da totalidade do acontecimento de instauração da percepção, transformando a realidade física em realidade vivida e assumida. O sujeito da percepção é o corpo e não uma consciência transcendental. A consciência é projeto do mundo-da-vida e o pensador não pode ser refém de idealizações distanciadas do horizonte de suas próprias vivências e das vivências dos outros.

Desta forma, ainda conforme Caminha (2019), toda reflexão filosófica ou todo conhecimento científico é sempre posterior às experiências sensíveis que são vividas pelo corpo, e a percepção não é uma vivência desinteressada, pois os sujeitos percebem algo situados no mundo e na pluralidade de se relacionar com o mundo. As descrições fenomenológicas não são representações distanciadas das coisas, porque a sensibilidade e a significação estão imbricadas, e as atitudes e os sentidos inventados pelo corpo são todos provenientes da percepção.

Perceber é a experiência de se dirigir, intencionalmente, ao mundo, pelo corpo. Um corpo que é percebido, sensível, que sente, o qual é visto e que se vê, que é tocado e que toca ao mesmo tempo. Ponty perpetua a experiência de aprender a ver o mundo, de forma que o mundo é o que se percebe e o que se percebe é o mundo, e as coisas são somente unidades perceptíveis que se tornam perceptíveis para alguém que as percebe. A percepção é um modo de acesso à presença concreta de algo, uma dupla dimensão, uma coexistência de evidências de que a percepção se faz no mundo e ao mesmo tempo em quem percebe. Logo, as coisas percebidas não são substâncias, mas fenômenos que se mostram e que se manifestam (MONSALVE-JARAMILLO; BOHÓRQUEZ-OLAYA; COBO-MEJÍA, 2021).

Sobre o pensamento decolonial, considera-se que sua concepção contempla a necessidade de quebra de paradigmas em relação à ambiguidade e a complexidade das ciências contemporâneas, refletindo sobre os limites do rigor científico eurocêntrico frente às demandas atuais. Assim, defende-se o valor do conhecimento vulgar que pessoas (indivíduos) e coletivos (grupos) produzem e utilizam para significar as práticas cotidianas, e que a ciência/cientistas consideram irrelevante (GIRAO; BRANDAO, 2021).

Nessa discussão, o conhecimento científico pode contribuir para o enriquecimento ou para o empobrecimento prático da vida. A vanguarda científica hegemônica apresenta sinais da crise dessa hegemonia exigindo a emergência de um novo paradigma científico. Sobre o paradigma dominante da ciência contemporânea, é sabido que ele se constituiu a partir do século XVI e se estendeu a um modelo global de racionalidade, no século XIX, negando todas as formas de conhecimento que não fossem pautadas pelos seus princípios epistemológicos e suas regras metodológicas, predominantemente positivistas (KADRI; FREITAS, 2021).



Ademais, distingue-se o conhecimento científico do senso comum e a natureza e a pessoa humana. Informa que a ciência moderna desconfia das evidências da experiência pessoal imediata e trata a natureza com total separação do ser humano, visando conhecê-la para dominá-la e controlá-la. Entretanto, confere-se que esse conhecimento científico moderno avança a partir da observação sistemática e rigorosa dos fenômenos naturais, considerando que a matemática fornece um instrumento privilegiado de análise, uma lógica de investigação e um modelo de representação que permitiu quantificar os fenômenos pelo emprego rigoroso de medições, reduzir a complexidade do mundo - pela divisão e classificação para posterior determinação de relações entre o que foi separado (LIMA; DUTRA, 2023).

Esses argumentos evidenciam que o conhecimento científico é causal, que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas e mensuradas, com vistas a prever o comportamento dos fenômenos - mantendo a ideia de previsibilidade, ordem e estabilidade do mundo, com enfoque no mecanicismo que transcende do estudo da natureza para o estudo da sociedade. Em relação à crise desse paradigma dominante, especula-se sobre um paradigma emergente, caracterizando que essa crise resulta da pluralidade das condições e determinações sociais e teóricas, onde o rigor do conhecimento é limitado, pois a totalidade da realidade não está reduzida apenas ao somatório de suas partes (DIETRICH; PRADO, 2024).

A complexidade da distinção/separação entre o sujeito e o objeto é maior do que aparenta ser, pois, a partir de novas concepções da matéria e da natureza, onde havia determinismo, tem-se a imprevisibilidade; ao invés do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização e ao onde se tinha a necessidade, tem-se a criatividade e o acidente. Ocorre uma quebra do modelo mecanicista linear em direção a movimentos transdisciplinares, que atravessam diversas ciências naturais e sociais. Portanto, conclui-se que o rigor científico fundamentado exageradamente no rigor matemático quantificou e desqualificou os fenômenos. Somado a tudo isso, surge a industrialização da ciência e o seu compromisso com o poder econômico, social e político, definindo prioridades científicas, bem como as relações de poder autoritárias e desiguais entre os próprios cientistas (SERODIO; PRADO, 2023).

Finalmente, um paradigma emergente não pode ser apenas científico, mas também precisa ser um paradigma social, onde: *todo conhecimento científico-natural é científico-social*, sinalizando a distinção entre as ciências naturais e as ciências sociais, decorrente das interações, intersubjetividade e das intertextualidades; *todo conhecimento é local e total*, defendendo a pluralidade metodológica, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade entre as diversas áreas das ciências, onde o conhecimento tem como horizonte a totalidade universal. *Todo conhecimento é autoconhecimento*, afirmando que as



trajetórias de vida, os valores e as crenças dos investigadores permeiam as investigações e cálculos desenvolvidos, de forma que o caráter autobiográfico da ciência é assumido; e *todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum*, resgatando o valor do senso comum no enriquecimento da relação do sujeito com o mundo (SANTOS; MENESES, 2024).

Considerando que a fragmentação do conhecimento não é disciplinar, mas apenas temática, esse conhecimento avança à medida em que o seu objeto se amplia e, com isso, incentiva que os conceitos e teorias desenvolvidos localmente emigram para outros lugares cognitivos, de modo a serem utilizados fora do seu contexto de origem. Dessa maneira, o objeto passa a ser uma extensão do sujeito, fazendo com que, durante a investigação, sejam adquiridos conhecimentos sobre o objeto e sobre o próprio sujeito. E o conhecimento científico contemporâneo só se realiza na medida em que se converte em senso comum, de forma que o desenvolvimento tecnológico deve resultar (traduzir-se) em sabedoria de vida (SANTOS; MENESES, 2024).

A excessiva especialização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado, por não entender que o conhecimento total ou global também é local. Não há solução para este “problema” no paradigma atual dominante, sendo necessário caminhar rumo a um paradigma emergente, contra hegemônico, valorizador da pluralidade metodológica onde cada método será uma linguagem de forma que a realidade possa responder respectivamente na língua em que for perguntada (SANTOS *et al.*, 2024).

## REFERENCIAL METODOLÓGICO

Esse estudo se caracteriza como ensaio teórico enquanto meio de análise e de observações e recomendações em relação ao objeto de reflexão. Para isso, respalda-se na exposição de ideias sobre determinado tema, buscando originalidade no enfoque, porém, sem esgotar o assunto. Ademais, inspira-se no arsenal das metodologias qualitativas, que representam um conjunto amplo e diversificado de procedimentos interpretativos comprometidos com a análise dos significados das ações sociais e das experiências humanas, onde seus métodos atravessam distintos campos disciplinares e, portanto, apresentam diferentes parâmetros para aferir a qualidade de suas pesquisas (SOUZA FILHO *et al.*, 2023).

A busca de referências bibliográficas, realizada nas bases de dados *PubMed* e *Sielo*, foi guiada pela combinação das palavras-chave *Stereotype* e *Body* (e suas correspondentes na língua portuguesa e espanhola), intercaladas pelo operador booleano *And*, e posteriormente depurada a partir do alinhamento discursivo relacionado ao pensamento crítico decolonial sobre corpo e performances esportivas e



práticas aplicadas à Educação Física, enquanto critérios de inclusão de estudos relevantes para leitura integral e citação no texto. Foram priorizados os estudos mais recentes e com maior densidade de conteúdo. Portanto, o caráter intencional desse ensaio, entretanto, não desrespeita os requisitos formais que atestam sua validade como ferramenta de entendimento dos fenômenos sociais pela via compreensiva-interpretativa. Assim, amplia-se o entendimento humano compartilhado para algo mais do que apenas classificações e quantificações (SIMS; NAIDU, 2024).

Esse texto utiliza os termos decolonial e decolonialidade, referindo-se ao projeto de transgressão da colonialidade, onde, pela impossibilidade de reverter sua estruturação de poder, identifica os meios adequados para desafiar, resistir e romper seu arcabouço impositivo, dominador (NAVES; LOBATO, 2024). Nesse sentido, concebe-se, inicialmente, um *overview* sobre corpo e performance, estereótipos corporais e decolonialidade atlética, na literatura, seguido de uma imersão na episteme da sociologia compreensiva e nas fenomenologias social e da percepção, acrescentando referências clássicas e atuais relevantes para uma fundamentação crítica adequada. Por sua vez, identificou-se uma nuvem de sentidos que foram agrupados em três categorias de argumentos explicitados nos subtópicos da seção seguinte (análise e discussão).

Considerando que a motivação dos indivíduos e grupos diante das ações sociais que praticam leva em conta a sociedade em que vivem, a realidade social resulta das formas de relação entre os sujeitos. Logo, trata-se de compreender, por meio desse exercício teórico, os sentidos das ações humanas, como os humanos apreciam, utilizam, criam e fragmentam as diversas relações sociais (ADEBISI, 2023).

Além disso, no construtivismo, a realidade física e social é uma construção sociolinguística que considera uma ação social definida enquanto conduta humana composta por significados subjetivos fornecidos por aqueles que a executam e a orientam. Por sua vez, a Sociologia Compreensiva pretende conhecer, entender, interpretar a ação social, explicando suas causas, desenvolvimentos e efeitos que se expressam na forma de usos, costumes ou situações interessadas (THAMBINATHAN; KINSELLA, 2021).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nessa seção do texto são desenvolvidas as categorias resultantes da análise dos sentidos/significados e que representam os eixos justificativos/argumentativos: *a reificação do corpo enquanto aparência e performance; os estereótipos corporais na Educação Física; e a decolonização do imaginário corporal atlético.*



## A reificação do corpo enquanto aparência e performance

Desde seu surgimento, a Educação Física perpetua uma expectativa de padronização do corpo de seu professor enquanto modelo a ser cultuado à perfeição, sendo a reprodução dessa modelagem estendida aos formandos. Assim, a aparência do corpo do professor (e de seus alunos) é submetida a uma espécie de controle de qualidade através de métodos e técnicas quantitativas específicas, mensurando (rastreamento, modelando) a composição corporal (rendimento, calorias e quilogramas) em gráficos e percentis com variações e margens cada vez mais mecanizadas em cronometrias milimétricas, para atestar sua competência performática e/ou profissional (TRALCI FILHO, 2018; SHEILL *et al.*, 2024).

Com isso, promove-se uma reificação (coisificação) do corpo, transformado pela experimentação produtivista e pelas relações sociais alinhadas aos ideais capitalistas, objetivando-o cada vez mais aos aspectos quantitativos e automáticos à semelhança de mercadorias circulantes em trocas comerciais e/ou de serviços, em detrimento de suas dimensões criativa, subjetiva e sociocultural. Dessa maneira, alinha-se um valor de troca atrelado a um valor de uso, retroalimentando esse sistema massificado nos meios de comunicação demonstrando constantemente às pessoas suas carências de saúde e de beleza, estimulando ao consumo de mercadorias e serviços relacionados com essa necessidade fabricada e em EXPANSÃO (MONSALVE-JARAMILLO; BOHÓRQUEZ-OLAYA; COBO-MEJÍA, 2021).

Ademais, esse corpo-vitrine representa a concretude de um mostruário de competências alcançadas agregando valor de marca ao professor, aumentando o poder de venda (honorários, convencimento) de seus serviços de modelagem de seus produtos (corpos-mercadorias) para consumidores que almejam esse perfil corporal/performático que, por sua vez, buscam no mercado o professor mais adequado a esse perfil. Nesse sentido, “o melhor rendimento (...) aparece como mais valorizado, (...) como o ideal a ser buscado. Tal tendência é introjetada nas consciências individuais e coletiva, levando a uma permanente tentativa de superação” (SILVA, 2001, p. 45).

Nessa trajetória, os corpos idealizados, tanto dos clientes quanto de seus professores, necessitam manter esse simbolismo reificado sob o risco de subtração, desvalorizando seu trabalho ou esforço, em caso de não cumprimento da padronização esperada. Portanto, essa perspectiva vem sendo reproduzida tanto pelo senso comum quanto pela ciência, que constroem e justificam o discurso reproduzido pelos meios de comunicação de massa, estruturando um mercado de aparências. Logo, “a lógica interna das práticas corporais em sua normatização, em suas técnicas e produtos, e a expectativa de corpo que é interiorizada pelos indivíduos estão intrinsecamente relacionadas à ampliação de um mercado



específico” (SILVA, 2001, p. 57). Assim, projeta-se em público o cuidado de um corpo centrado na melhor aparência como uma necessidade individual incontestável.

Enraizada profundamente na sociedade, toda cultura é corporal. Condição aberta ao mundo vivido, a dinamicidade do corpo é invadida, determinada, preenchida e mediada por convenções sociais, acompanhando suas nuances de ressignificação ao longo da história. Desde o princípio, a construção da noção de corpo na contemporaneidade obedece a lógica da razão instrumental, embebida pela compreensão da ciência como única fonte legítima para a produção de uma verdade absoluta e inquestionável, capaz de dominar, controlar e disciplinar a natureza e, conseqüentemente, o corpo (KECK *et al.*, 2022; NASSIRI-ANSARI; RHULE, 2024).

Partindo de suas raízes médico-militares, em uma tentativa de legitimação, a produção de conhecimento da Educação Física sempre esteve atrelada ao ideal da cientificidade, assumindo uma perspectiva positivista e higienista, onde a singularidade corporal foi minimizada pela hegemonia dos discursos materialistas e biologicistas/biomédicos, além de ser preconizada como algo neutro, universal e isolado do mundo em que vive (BRESOLIN; ORTIZ; BESSA-OLIVEIRA, 2022).

Tal característica limita as práticas corporais ao velar o subjetivo corporal e desvalorizar suas experiências vividas em prol da racionalidade cartesiana, restringindo o ser humano puramente à sua matéria orgânica e funcional. Essa tendência superficial de simplificação da complexidade humana é encontrada na racionalidade instrumental que sustenta a modernidade, tornando coerente a expectativa corporal atual (PEREIRA; GOMES; CARMO, 2017; SOUSA JÚNIOR; ROCHA, 2023).

Nesta direção, predomina uma perspectiva de um corpo reduzido fisiologicamente pelo seu caráter utilitário, fragmentado e mensurável, nas publicações e nos cursos de formação em Educação Física. Ademais, aqueles que não pertencem à área, subjagam o corpo a um constante processo de subalternização, “seja na disseminação de roupas atreladas à marcas fitness, em suplementos de alimentos, em exercícios novos (...), ao disciplinamento das práticas corporais pré-prontas, aos exercícios na busca de performances cada vez mais otimizadas”, almejando corpos perfeitos (PEREIRA; GOMES; CARMO, 2017, p. 98).

Vinculada como uma necessidade para se ter um corpo saudável, a área “coloca-se como uma prática ‘neutra’, capaz de alterar a saúde, os hábitos e a própria vida dos indivíduos” (SOARES, 2012, p. 42) e dissemina o exercício físico como uma solução salvadora (remédio) para o cuidado com o corpo, passando a integrar uma espécie de conjunto de normas supostamente capazes de equilibrar e resolver todos os males da sociedade.

De fato, cada vez mais as pessoas investem no seu corpo buscando aumentar o poder de estimulação social. Mediados pelos interesses da indústria de consumo, a mídia apodera-se da



subjetividade de cada indivíduo para evidenciar modelos corporais associados à representação ideal da beleza estética (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011; KNUTH *et al.*, 2024).

Atuando nas carências mais profundas da humanidade, a lógica mercantil das publicidades se utiliza do jogo de sedução das imagens para incitar os sujeitos a recriarem seu corpo de acordo com o estilo propagado por ela. Assim, o crescente mercado de produtos e serviços associa o corpo aos ideais de saúde e magreza para vender a possibilidade de permanecer belo, criando no sujeito a necessidade de sentir bem e, isso só é possível, caso ele corresponda à expectativa corporal divulgada (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011; NAIDU; GINGELL; ZAIDI, 2024).

Adicionalmente, sobre a magreza - frequentemente relacionada com a busca e alcance da performance e da estética perfeita, seguida de autoestima - a insatisfação com o corpo, em caso de frustração de expectativas, pode levar a atitudes e comportamentos insalubres, tipo: a auto prescrição medicamentosa; a adesão às dietas mirabolantes a ao excesso de suplementos alimentares; o consumo excessivo de álcool e de outras substâncias químicas; a compulsão por intervenções cirúrgicas e o risco de exposição/ocorrência de suas sequelas; e o excesso (compulsivo) de exercícios físicos. Assim, o caráter negativo do cuidado com o corpo é ressaltado pelos distúrbios associados à imagem corporal. Todas essas questões contemporâneas influenciam a aporia de redesenhar o próprio corpo para atender os estereótipos sociais vigentes (HANNINGTON; GOVENDER, 2024).

## Os estereótipos corporais na Educação Física

Os estereótipos sociais são crenças que são compartilhadas coletivamente sobre atributos, envolvendo características morais, físicas e de personalidade, generalizadas para um grupo de pessoas baseadas em algum critério, a exemplo de profissão, gênero, etnia, religião, entre outros. A produção de estereótipos envolve fatores cognitivos, pois sua sedimentação decorre da articulação entre aspectos motivacionais, de identidade e de alteridade atrelados às ideologias e aos circuitos sociais dos agrupamentos humanos, onde as pessoas projetam e definem uma realidade (mundo) para depois observá-la (BURROWS; SELVANATHAN; LICKEL, 2023; SANTOS; PEREIRA, 2024).

Desse modo, ocorre uma categorização que simplifica a realidade ao selecionar determinados aspectos agrupando-os por semelhança. Ocorre, então, um reducionismo por comodidade classificando características físicas e sociais de acordo como se percebe esses atributos de forma compartilhada, produzindo ou não preconceitos e/ou atitudes discriminatórias. São crenças generalizadas indevidas e resistentes a mudanças ou a novas laminações, sobre atributos pessoais grupais, que possibilitam uma



interpretação do mundo, sem acompanhamento de reflexões críticas e frequentemente com distorções de compreensão (STEWART; RAIHANI, 2023; SANTOS; PEREIRA, 2024).

Ademais, todo estereótipo possui um componente real, que envolve contato prévio com as pessoas/grupos estereotipadas e componente projetivo, imaginativo, influenciado pelas motivações e distorções de pensamento/compreensão. Assim, quanto maior for o contato real, esses estereótipos são construídos com mais consistência, enraizando-se mais profundamente conforme as informações reais e menos imaginárias são sedimentadas pela interação social. Existem, ainda, os autoestereótipos - dirigidos à própria pessoa ou grupo; e os heteroestereótipos - dirigidos para distintos grupos. E os estereótipos podem ser positivos e negativos, com gradações de intensidade entre os extremos (SANTOS; PEREIRA, 2024; ROTHERMUND; PAULA COUTO, 2024).

Refletidos diretamente na cultura organizacional da sociedade, os estereótipos designam um sistema de crenças e expectativas subjetivas compartilhadas, conscientemente ou não, sobre determinados grupos que são categorizados de acordo com os constructos sociais já existentes. O pertencimento grupal exige que os indivíduos atinjam um consenso social a partir do aval de seus grupos (pares), produzindo identificações sociais, relacionais e comparativas (GERSHMAN; CIKARA, 2023; SANTOS; PEREIRA, 2024).

No escopo da Educação Física, a existência de estereótipos está condicionada à representação de uma expectativa corporal embebida por valores sociais reconhecidos e partilhados conscientemente ou não, de modo que, como seu campo representacional comporta características e comportamentos esperados, quando expressos, podem questionar valores morais ou normas sociais culturalmente valorizadas pelos grupos (FRANCO *et al.*, 2021; YIN *et al.*, 2024).

Esse processo de estereotipização é volátil conforme interpreta, elabora, armazena, modifica e transmite as informações absorvidas ou não pelas variáveis pessoais, encarregadas por mediar os mecanismos responsáveis pela categorização do outro em imagens generalizadas sobre percepções sociais, julgamentos e comportamentos supostamente corretos e, por isso, permitidos e aceitos (GERSHMAN; CIKARA, 2023; SANTOS; PEREIRA, 2024).

Como principal estereótipo da Educação Física, o padrão atlético é padronizado ao contribuir para identificar, diferenciar e caracterizar um conjunto de atributos e papéis socialmente definidos como particularidades desse grupo e, por isso, são reforçados constantemente tanto pela mídia quanto pelos próprios componentes da área. Somado a isso, os estereótipos não se restringem apenas aos padrões corporais, mas também se associam às ações, atitudes e comportamentos esperados de seus profissionais. Isso mostra que os estereótipos da área estão ligados intrinsecamente àqueles construídos pela sociedade, em uma tentativa constante de categorizar e normalizar a aparência atlética que deve ser



exibida pela imagem corporal de seus futuros profissionais (KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI, 2013; YIN *et al.*, 2024).

A instalação desses estereótipos corporais acontece quando um grupo fala sobre as expectativas que possui do outro ou para outros, havendo uma tendência sistemática de valorizar seu próprio grupo concomitante a uma desvalorização do outro. Tal fato pode explicar "a presença de normas que parecem orientar quais representações seriam as mais adequadas, desejáveis em cada situação e que podem produzir modificações, mesmo centrais, nas representações" (MENIN, 2006, p. 50).

Nesse sentido, a noção interna sobre o mundo externo perpassa a lógica de formação da estereotipia pelos sujeitos: primeiro, eles imaginam e definem o mundo de acordo com suas percepções próprias para, somente então, o observar verdadeiramente, fundamentando sua interpretação na cultura que se insere. Assim, antes mesmo de ser observado, o mundo já seria analisado e ordenado com base em uma opinião pré-concebida conforme os códigos culturais de referência existentes (STEWART; RAIHANI, 2023; SANTOS; PEREIRA, 2024).

Convém, nessa discussão, compreender o papel da mídia na produção do imaginário sobre o corpo e na construção de estereótipos. Conforme Bastos *et al* (2013), a mídia, enquanto emissora de mensagens, elabora materiais publicitários cuidadosamente planejados associando uma imagem de beleza do produto destacado (o corpo) às inovações tecnológicas e de movimentos corporais aplicadas ao desenvolvimento da performance esperada pelo público-receptor, compartilhando sentidos, geralmente contextualizada na ideologia capitalista. Assim, "a intenção (...) é despertar a confiança no potencial consumidor do produto, via o aval de especialistas e ênfase na precisão (...) favorecendo a imagem de um produto eficaz" (BASTOS *et al.*, 2013, p. 488).

O discurso da propaganda aplicada a esse corpo-mídia reforça a evidência de um perfil físico condizente com o modelo de aparência almejado pelos consumidores - do maquinário, das dietas, dos suplementos alimentares, dos produtos e procedimentos estéticos, entre outros – fidelizando os interessados (profissionais e futuros clientes) numa rede de relacionamentos montada estrategicamente, quase sempre associando a imagem atlética à juventude, felicidade e longevidade. Em seguida, o profissional, agora adepto da cultura (epidemia) fitness, passa a ocupar um novo papel, o de expert, adquirindo repertório e status de poder, assumindo a função de consultor, perito, aconselhador, conselheiro e guru na busca pela aparência e pela performance normatizadas pelo mercado (TRALCI FILHO, 2018; MARTÍN-RODRÍGUEZ *et al.*, 2024).

A reprodução social desse ideário fundamentado na busca da beleza estética focada em hábitos - por vezes de maneira obsessiva/compulsiva, de manutenção da saúde via preservação da juventude - naturaliza na sociedade a prática de exercícios físicos como alavanca propulsora das estratégias



discursivas e midiáticas que propagam a potencialização da vitalidade humana enquanto narrativas para obtenção de sucesso na vida social, evidenciando “um corpo biológico a desempenhar suas funções metabólicas e a se apresentar agradável aos espelhos e, especialmente, aos olhos dos outros” (BASTOS *et al.*, 2013, p. 486).

Trata-se, portanto, de uma espécie de atualização da simetria histórica da disciplinarização dos corpos, da regulação dos hábitos/comportamentos das pessoas, não mais através de posturas autoritárias, hierárquicas, militaristas, biopolíticas ou por biopoderes, agora catalisada pelo imperialismo cultural contemporâneo da narrativa fitness, articulada aos demais discursos, inclusive legitimados pela ciência, a exemplo do discurso biomédico de saúde e de beleza, do antienvhecimento, da qualidade de vida, entre outros, propulsores de um modelo estético e moral compromissado cada vez mais com a instrumentação corporal mecanizada, cartesiana, otimizando desempenhos milimetricamente calculados em nome do vigor (LORO *et al.*, 2021; SUN; DU; WEI, 2024).

Ademais, vende-se também, além de tudo o que está atado ao corpo, esperanças, diante das incertezas probabilísticas de adoecimento ou de longevidade saudável, apesar da tentativa de harmonizar cidadãos conscientes, corresponsáveis por sua saúde e pela coletividade, em busca de atributos possivelmente provedores de segurança para manutenção da vida, do bem estar, diante de tantos compromissos, obrigações e preocupações que frequentemente substituem projetos de felicidade por desenhos de ilusões, quando muitos prazeres são descartados em prol da busca/alcance do corpo almejado/desejado/idealizado (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017; SUN; DU; WEI, 2024).

## A decolonização do imaginário corporal atlético

Surgindo em oposição às bases epistemológicas dominantes, o conceito de epistemologias do sul ou epistemologias descoloniais delimita um conjunto de saberes resistentes à dominação, exploração e apropriação colonial do norte global em detrimento do sul. Essa divisão do mundo em países do norte e do sul sustenta a construção do conhecimento ocidental, tenta homogeneizar as culturas e define quais podem ser validadas a partir da lógica colonial (SANTOS 2021; 2022; SILVA, 2022; DIMENSTEIN *et al.*, 2022).

Torna-se conveniente esclarecer as três formas principais de refletir com criticidade sobre as influências do colonialismo em relação aos modos de pensar e de agir na contemporaneidade: o pós-colonialismo; a descolonialidade; e as epistemologias do Sul. Os estudos pós-coloniais tem origem nos anos de 1960, durante o processo de independência política das colônias europeias nos continentes asiático e africano, denunciando as formas dependência econômica, subordinação política e dominação



cultural. Por sua vez, os estudos descoloniais iniciaram na América Latina nos anos de 1990 criticando a colonialidade enquanto um padrão de interação social e cultural corrosivo. E as epistemologias do Sul foram elaboradas a partir dos anos 2000 resgatando e valorizando os saberes antigos e contemporâneos dos grupos sociais minimizados e resistentes à dominação (SANTOS, 2022; MACAL, 2024).

Como afirmam Pereira, Gomes e Carmo (2017, p.107), os povos do sul têm sua epistemologia "declarada como inexistente ou descritas como reminiscências do passado, condenadas a uma deslembração inevitável", havendo a necessidade histórica de imbricar sua corporeidade à resistência.

Nesse sentido, como as trajetórias sociais estão relacionadas aos paradigmas estruturais vigentes oriundos dos processos históricos que formaram o continente colonizado e suas relações de dominação, o campo da Educação Física também insiste em perpetuar uma condição colonialista/dominante. Diante da possibilidade de superação da secularização corpórea, a perspectiva epistêmica decolonial busca estimular a autorreflexão da área para as questões da padronização corporal pautada no preciosismo técnico conservador, cuja consequência é a disseminação do estereótipo do corpo atlético, forte, definido e musculoso (BRESOLIN; ORTIZ; BESSA-OLIVEIRA, 2022).

A colonialidade sobrevive no corpo colonizado conforme ainda constrói e perpetua suas relações de dominação até hoje, colocando a existência corpórea dos dominados em uma situação de inferioridade naturalizada. Para tanto, se utiliza dos processos de colonialidade fundados pela modernidade, responsável por impor um único conhecimento tido como válido e aceito. Essa colonialidade dos saberes incide na Educação Física por meio das relações de poder, hierarquia, individualismo e competição inscritas no corpo atlético, tornando-o objeto usado e consumido sem uma dimensão simbólica e sensível (PEREIRA; GOMES; CARMO, 2017).

A concepção positivista coloniza os saberes das práticas corporais contemporâneas ao projetar a dualidade cartesiana de sujeito-objeto para reduzi-las, exclusivamente, ao seu aspecto motor de exercitação física, tendo como instrumento o corpo executor de movimentos para promoção de saúde, portanto, "o senso de pertencimento estrutural a partir da estética fundamenta práticas discursivas de aprisionamento e adoecimento em função de uma construção social do corpo" (PEREIRA; GOMES; CARMO, 2017, p. 102). Portanto, enquanto instância social, ocorre a construção cultural de uma sociedade em constante modificação que, reforça e reproduz inconscientemente as estruturas de dominação já existentes desde a colonização, dificultando o reconhecimento de outros saberes e tornando implícito os mecanismos de manutenção dos privilégios opressores sobre os oprimidos.

Ademais, o que se universaliza são os modelos de dominação do corpo oriundos da colonialidade dos saberes da Educação Física, naturalizando um modo de vida homogêneo e uniforme que simboliza um padrão de existência ocidental de felicidade plena correspondente a ideologia do mercado. Silva



(2001) afirma que o mercado das aparências vende essa expectativa imaginária de corpo, inacessível para grande parte da população e, por conseguinte, provoca o desaparecimento da consciência desses indivíduos por meio da imposição de produtos, impedindo-os de perceber seus interesses próprios, generalizando sua personalidade e potencialidades.

“A pele mais clara, o olho esverdeado, o uso de maquiagem e o aspecto uniforme à face, aponta o quanto a sociedade se inclina a utilização de recursos que as tornam mais fidedignas com um padrão estético vigente” (PEREIRA; GOMES; CARMO, 2017, p. 102), dificultando a representação e a valorização da diversidade do corpo e de outras belezas. Essa fantasia moderna cristaliza o interesse por si ao exaltar a noção de indivíduo livre capaz de ter o corpo que quer desde que o persiga, crença perigosa alimentada pela ilusão do remodelamento corporal subsidiado pela indústria do belo, configurada pelos espaços de academias, spas, clínicas e salões de beleza. Portanto, o corpo colonizado é fruto central do investimento do mercado das aparências, dominado e explorado pelo marketing, reproduzindo as práticas de seus opressores que o quantificam, banalizam e prostituem.

Parte do processo de colonização da Educação Física se deu em raízes europeias e, portanto, também participa efetivamente do domínio corpóreo ao se utilizar do biopoder operante na imposição de limites, normas e obrigações ao corpo. A área contribui para a fabricação de corpos ‘dóceis’, submissos e exercitados ao discipliná-los sob a lente eurocêntrica que, necessariamente, produz uma imagem distorcida, de forma que a sociedade contemporânea ainda sustenta e obedece a essa lógica colonial moderna ao perpetuar a relação entre explorador e explorado no corpo colonizado (PEREIRA; PEREIRA, 2023; SENHORAS; ALECRIM, 2023).

Por sua vez, Simão e Sampaio (2018, p.673) comentam da existência de uma bidirecionalidade agindo reciprocamente nos corpos à medida que eles interagem com o mundo e com os outros, afetando e sendo afetados simultaneamente pelo biopoder que os regula e, por essa ótica, “são os corpos que (co)regulam, alimentam e mantêm a colonialidade”, possibilitando a própria Educação Física encontrar caminhos para ressaltar ou minimizar a colonialidade presente na área.

Na contemporaneidade, cada vez mais, nota-se a constante preocupação dos sujeitos com o modo como a sociedade vê seus corpos. Essa crescente dedicação à aparência inclina os indivíduos para o maior culto ao corpo, evidenciando sua tentativa de se adequarem aos padrões hegemônicos de beleza ideal propagados pelas mídias digitais. Estas permitirem o compartilhamento imediato de imagens representativas de uma realidade recortada e selecionada especificamente pelo sujeito que a publica, possibilitando uma distorção do real ao propiciar uma realidade utópica e encantada que deve ser almejada por aqueles destoantes do padrão disseminado (SILVA; VIANA, 2021; OLIVEIRA; LUCINI, 2021; MOEBUS; BARRETO; MORAES, 2014).



Por ser uma forma de apresentação de si, o corpo consome a si mesmo em uma neurose coletiva revelada na preocupação com o julgamento, busca frenética pela forma ideal e insatisfação infinita com a própria aparência. Para isso, o panorama midiático cria um mundo fictício que é fabricado, glorificado, exibido e divulgado na imagem de “corpo forte, belo, jovem, veloz, preciso, perfeito, inacreditavelmente perfeito” (SANTAELLA, 2004, p. 127), seguindo a estética corporal aproximada do padrão europeu dominador.

Ao entender seu corpo como uma vitrine persuasiva e convidativa, compatível com esse padrão colonizador, o corpomídia é uma ferramenta discursiva encarregada de expor o trabalho do profissional de Educação Física para atrair o máximo número de clientes possível, de forma rápida e com o mínimo de esforço. Como diz Greiner (2005, p. 131), “é com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão (...) processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo”. Logo, percebe-se que essa produção imagética nos territórios subalternizados sofre influência direta da colonialidade, ressaltando e retroalimentando estereótipos ligados às relações de dominação demarcadas no corpo e nas suas representações simbólicas.

Considerando a dimensão pedagógica da Educação Física, não só no ambiente escolar, mas, sobretudo, nos diversos espaços de prática de exercícios físicos supervisionados (agremiações de condicionamento físico, academias de saúde e de praça, práticas esportivas e de lazer, etc.), é fundamental possibilitar aos participantes a concretude de um corpo ampliado para além da padronização contemporânea, numa perspectiva decolonial, transcendendo a colonialidade corporal instrumental, capaz de valorizar o repertório de diferenças e influências de saberes interdisciplinares, que sejam desobedientes com responsabilidade e acuraria crítica dos modos de ver e de ser (BRESOLIN; ORTIZ; BESSA-OLIVEIRA, 2022; HILDEBRANDT-STRAMANN; HATJE, 2023; SOARES; GEBARA; MARTINS, 2024).

Nessa direção, é urgente a necessidade de desconstruir discursos hegemônicos e dominantes que reproduzem na sociedade, principalmente nos espaços virtuais das mídias/redes sociais, a objetivação do corpo como uma coisa, ilusão ou fetiche de felicidade, segundo normas de conduta e de consumo elitistas, desconectados com a pluralidade corporal idônea modelada nas experiências crítico-reflexivas. Além disso, as vivências emancipadoras são capazes de ressignificar cada passo, gesto e pensamento, em movimentos de inclusão e de reconhecimento social mútuo, nas escalas da cultura de cada povo, nas métricas subjetivas e rebeldes, porque são contestadoras e criativas em suas construções singulares ou coletivas (OLIVEIRA *et al.*, 2021; SILVA; VIANA, 2021; SOARES; FERREIRA, 2023; DIAS *et al.*, 2024).



Conforme atestam Bresolin, Ortiz e Bessa-Oliveira (2022, p.4), “a Educação Física adquire papel fundamental uma vez que coloca o corpo como objeto principal de seu processo de ensino-aprendizagem que proporciona e ressignifica experiências corporais”. Portanto, encenando histórias de vida e de superação a cada ritmo, transcendendo o reducionismo cartesiano globalizado, por vezes reificado.

Nesse sentido, a perspectiva decolonial, pode nortear a desconstrução dos estereótipos negativos da área, muitos deles forjados na estética e imagética imperiosa, colonial, excludente e dominadora. Ademais, “contribui para a construção de um corpo plural, político, indissociável de sua subjetividade, combativo às formas coloniais de opressão (...) que assuma controle das instâncias estéticas e sociais” (PEREIRA; GOMES; CARMO, 2017, p.102).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo articulou reflexões críticas sobre aspectos relacionados aos estereótipos corporais no contexto da Educação Física contestando a idealização generalizada da aparência do corpo atlético, forte, destemido, esculpido e musculoso. Nesse sentido, é importante identificar estratégias que possam fomentar a concretude de um corpo ampliado para além da padronização estética/fisiológica contemporânea.

Para isso, a interpretação desses argumentos segundo o repertório teórico dessa ecologia de saberes encontra consistência pertinente para contestar e repensar as relações de poderes mantenedoras de submissões corporais diante de normalizações aplicadas ao mercado da beleza e do desempenho funcional.

Por sua vez, conclui-se que uma perspectiva decolonial na Educação Física pode desconstruir o imaginário corporal estereotipado, reconhecendo e rompendo com a lógica opressiva da homogeneização corpórea moderna, possibilitando a ampliação da compreensão de corpo. Assim, ao considerar a perspectiva anticolonial, a área volta seu olhar, prudente, para o corpo subjetivo, expandindo seu campo de percepção ao libertá-lo de adestramentos sociais indecentes.

Recomenda-se estudos adicionais, principalmente estruturados como pesquisa empírica, para suprir lacunas do conhecimento, para que seja possível ampliar o debate a partir da construção de dados primários em contextos variados, para consolidar a capilaridade da ecologia de saberes decoloniais com as questões concretas e plurais do cotidiano.

Espera-se que este exercício teórico possa transcender para o cotidiano facilitando a compreensão ampliada sobre o corpo, em suas dimensões pessoal, social e emancipadora, contribuindo



para o desenvolvimento de uma postura desconstrutiva dos estereótipos corporais relacionados à Educação Física.

## REFERÊNCIAS

ADEBISI, Y. A. “Decolonizing Epidemiological Research: A Critical Perspective”. **Avicenna Journal of Medicine**, vol. 13, n. 2, 2023.

ARREBOLA, I. A. *et al.* “Estereotipos de género y práctica de actividad física”. **Movimento**, vol. 25, 2019.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. “Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje”. **Psicologia e Sociedade**, vol. 23, n. 1, 2011.

BASTOS, W. *et al.* “Epidemia do fitness”. **Saúde e Sociedade**, vol. 22, n. 2, 2013.

BESSA, M. M. *et al.* “A fenomenologia de Alfred Schutz e sua aplicação no campo da pesquisa em saúde e enfermagem”. **Revista Sustinere**, vol. 11, n. 2, 2023.

BRESOLIN, M. R.; ORTIZ, M. S.; BESSA-OLIVEIRA, M. A. “Práticas pedagógicas na Educação Física sob uma abordagem multidisciplinar no caminho descolonial”. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, vol. 7, n. 4, 2022.

BURROWS B.; SELVANATHAN, H. P.; LICKEL B. “My fight or yours: stereotypes of activists from advantaged and disadvantaged groups”. **Personality and Social Psychology Bulletin**, vol. 49, 2023.

CAMINHA, I. O. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

DIAS, M. J. S. *et al.* “O pensamento decolonial: fundamentos, agendas de pesquisa e contribuições para as Ciências Sociais e Humanas”. **Revista de Políticas Públicas**, vol. 28, n. 1, 2024.

DIETRICH, A. M.; PRADO, C. O. “Universidade, ciência e religião: sob a ótica decolonial de Boaventura de Souza Santos”. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 19, 2024.

DIMENSTEIN, M. *et al.* “Produção de conhecimento, psicologia e pensamento colonial”. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 74, 2022.

FRANCO, M. A. *et al.* “Práticas corporais na promoção de saúde e qualidade de vida: atuação entre Educação Física e Medicina na Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte”. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, vol. 31, n. 3, 2021.

GERSHMAN, S. J.; CIKARA, M. “Structure learning principles of stereotype change”. **Psychological Bulletin**, vol. 30, n. 4, 2023.

GREINER, C. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

HANKE, M. M. “Comunicação, cultura e mundo da vida: as contribuições de Jürgen Habermas e Alfred Schutz”. **Galáxia**, n. 46, 2021.



HANNINGTON, M.; GOVENDER, L. “Communities of practice: A decolonial critique”. **Clinical Teacher**, vol. 21, n. 3, 2024.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R.; HATJE, M. “Um Currículo Modularizado: Uma Proposta para a Formação dos Estudantes no Curso da Licenciatura da Educação Física na UFSM”. In: SENHORAS, E. M.; ALECRIM, J. V. C. (orgs.). **Educação Física: Agendas Educacionais**. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

KECK, J. *et al.* “Decoding spatiotemporal features of emotional body language in social interactions”. **Scientific Reports**, vol. 12, n. 1, 2022.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. C.; FRANCISCHI, V. G. “A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento”. **Revista de Educação Física**, vol. 24, n. 1, 2013.

KNUTH, A. G. *et al.* “Is it possible to decolonize the field of physical activity and health?” **Physical Activity and Health**, vol. 21, n. 7, 2024.

LIMA, M. E. O.; LEITE, M. F. “Conteúdo dos Estereótipos e Preconceito Racial: Efeitos da Cordialidade e da Competência”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 37, 2021.

LIMA, S. C.; DUTRA, F. B. S. “Buscas pedagógicas em tempos de crise: sobre os pensamentos de Boaventura de Sousa Santos”. **Revista Educação Pública**, vol. 22, n. 44, 2022.

LORO, A. P. *et al.* “A diversidade nas imagens dos manuais do professor de educação física no Brasil”. **Movimento**, vol. 27, 2021.

MACAL, C. “Body mapping: A decolonial method towards intergenerational healing”. **Social Science and Medicine**, vol. 352, 2024.

MARTÍN-RODRÍGUEZ, A. *et al.* “Sporting Mind: The Interplay of Physical Activity and Psychological Health”. **Sports**, vol. 12, n. 1, 2024.

MELO, F. V. S.; FARIAS, S. A.; KOVACS, M. H. “Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor”. **Organizações e Sociedade**, vol. 24, n. 81, 2017.

MENIN, M. S. S. “Representação social e estereótipos: a zona muda das representações sociais”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 22, n. 1, 2006.

MOEBUS, R. L. N.; BARRETO, A. F.; MORAES, M. M. “Psicologia decolonial, contracolonial, por vir?”. **Estudos de Psicologia**, vol. 41, 2024.

MONSALVE-JARAMILLO, E.; BOHÓRQUEZ-OLAYA, C. I.; COBO-MEJÍA, E. A. “Una mirada desde la percepción del cuerpo de la persona mayor”. **Revista Investigación en Salud Universidad de Boyacá**, vol. 8, n. 1, 2021.

NAIDU, T.; GINGELL, G.; ZAIDI, Z. “Decolonial framework for applying reflexivity and positionality in global health research”. **Global Health Promotion**, vol. 31, n. 2, 2024.

NASSIRI-ANSARI, T.; RHULE, E. L. M. “Missing in action: a scoping review of gender as the overlooked component in decolonial discourses”. **BMJ Global Health**, vol. 9, n. 4, 2024.



NAVES, F.; LOBATO, C. B. “Diálogos entre pensamento decolonial e análise crítica de discurso”. **Caderno CRH**, vol. 37, 2024.

OLIVEIRA, E. S.; LUCINI, A. “O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência”. **Boletim Historiar**, vol. 8, n. 1, 2021.

OLIVEIRA, N. D. *et al.* “Linguagens e Educação Física na BNCC: uma análise a partir das habilidades prescritas”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 43, 2021.

PEREDNIK, G. D.; REICH, M. “El estereotipo antijudío en la educación secundaria”. **Cuadernos de Investigación Educativa**, vol. 14, n. 1, 2023.

PEREIRA, A. M.; PEREIRA, N. “Concepções Pedagógicas e Metodologias Prevalentes: Um Estudo com Professores de Educação Física Ingressantes em 1942 até 1972”. *In*: SENHORAS, E. M.; ALECRIM, J. V. C. **Educação Física: Agendas Educacionais**. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P.; CARMO, K. T. “Epistemologia sul-corpórea: por uma pedagogia decolonial em educação física”. **Revista COCAR**, 2017.

ROTHERMUND, K.; PAULA COUTO, M. C. P. “Age stereotypes: Dimensions, origins, and consequences”. **Current Opinion in Psychology**, vol. 55, 2024.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

SANTOS, A. N. S. *et al.* “Epistemologia do Sul, pós-colonialismo e descolonialidade: explorando afinidades e divergências sob o olhar de Boaventura de Sousa Santos”. **Caderno Pedagógico**, vol. 21, n. 10, 2024.

SANTOS, B. S. **Descolonizar: abrindo a história do presente**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Os Saberes Nascidos na Luta: Construindo as Epistemologias do Sul**. Coimbra: Editora Edições 70, 2024.

SANTOS, E. V.; PEREIRA, M. E. “Estereótipos raciais e atratividade física facial: explorando suas implicações nas avaliações morais em saúde”. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 29, n. 2, 2024.

SANTOS, H. P.; VERISSIMO, D. S. “Relevância nas fenomenologias de Gurwitsch e Schütz: contornos de um problema”. **Revista da Abordagem Gestáltica**, vol. 28, n. 1, 2022.

SANTOS, V. A. A.; SOUSA, R. S. “A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty a partir do corpo e a educação (em ciências)”. **Revista Contexto e Educação**, vol. 39, n. 121, 2024.

SENHORAS, E. M.; ALECRIM, J. V. C. **Educação Física: Agendas Educacionais**. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

SERODIO, L. A.; PRADO, G. V. T. “Todo autoconhecimento depende dos outros: Mikhail Bakhtin e Boaventura Santos em diálogo”. **Educação: Teoria e Prática**, vol. 34, n. 67, 2023.



SHELL, G. *et al.* “Physical activity and life-limiting conditions”. **International Journal of Palliative Nursing**, vol. 30, n. 4, 2024.

SILVA, A. C. M.; GEHRES, A. F.; CAMINHA, I. O. “O método fenomenológico como possibilidade para a pesquisa em Educação Física”. **Revista Pesquisa Qualitativa**, vol. 11, n. 27, 2023.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SILVA, F. M.; VIANA, F. S. “A construção midiática do corpo estético a partir de uma ótica decolonial”. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, vol. 16, n. 5, 2021.

SILVA, R. “Decolonialidade do saber: as ecologias dos saberes na produção do conhecimento”. **Revista Katálysis**, vol. 25, n. 2, 2022.

SIMÃO, M. F.; SAMPAIO, J. C. C. “Corpo e Descolonialidade em Composição Poética Cênica”. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, vol. 8, n. 4, 2018.

SIMS, D. A.; NAIDU, T. “How to do decolonial research”. **Clinical Teacher**, vol. 18, 2024.

SOARES, A. D. S.; GEBARA, T. A. A.; MARTINS, L. R. “O pensamento decolonial nos estudos da infância: epistemologias críticas e pós-críticas”. **Educação em Revista**, vol. 40, 2024.

SOARES, C. L. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Editora Autores Associados, 2012.

SOARES, S. L.; FERREIRA, H. S. “A formação continuada em Educação Física no interior do Ceará”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 16, n. 47, 2023.

SOUSA JÚNIOR, J. H. S.; ROCHA, R. A. “Os significados sociais atribuídos ao corpo gordo ao longo do tempo”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 42, 2023.

SOUZA FILHO, B. A. B. *et al.* “Theoretical models: necessary reflections”. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, vol. 26, 2023.

STEWART, A. J.; RAIHANI, N. “Group reciprocity and the evolution of stereotyping”. **Proceedings of the Royal Society**, vol. 290, n. 1991, 2023.

SUN, H.; DU, C. R.; WEI, Z. F. “Physical education and student well-being: Promoting health and fitness in schools”. **PLoS One**, vol. 19, n. 1, 2024.

THAMBINATHAN, V.; KINSELLA, E. A. “Decolonizing Methodologies in Qualitative Research: Creating Spaces for Transformative Praxis”. **International Journal of Qualitative Methods**, vol. 20, 2021.

TRALCI FILHO, M. A. “Corpos atléticos e força bruta: a dicotomia corporal racializada na supremacia branca esportiva”. **Áskesis**, vol. 7, n. 1, 2018.

YIN, H. *et al.* “Assessment and development of physical education teachers' physical literacy: A systematic review”. **PLoS One**, vol. 19, n. 7, 2024.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano VI | Volume 20 | Nº 58 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima